

MITO E COMUNICAÇÃO DIGITAL: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA ATUALIZAÇÃO DOS ESTUDOS DO IMAGINÁRIO NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

Mito y comunicación digital: aportes a una actualización de los estudios del imaginario en la cultura contemporánea

Myth and digital communication: contributions to an update of studies of the imaginary in contemporary culture

Florence Dravet¹
Ana Taís Martins²
Hertz Wendell de Camargo³

Observar e analisar a relação entre o poder narrativo do mito e as mitologias que dele advêm, as tendências fracas ou fortes à mitificação, a partir da teorização do mito em suas várias vertentes (antropológica, narratológica, psicológica, filosófica, estética etc.), para compreender o mal-estar e os anseios da civilização contemporânea, em que as relações sociais são coletivamente mediadas por tecnologias digitais foi o que motivou a proposição deste dossiê.

Na era da comunicação digital, as imagens proliferam e as técnicas permitem a produção do fantástico, do maravilhoso, com seus sucessos e façanhas a invadirem as mentes, atravessarem os corpos, suggestionarem os espíritos. Abundantes e imediatamente disponíveis,

¹ Doutora em Didactologia das Línguas e Culturas. Professora da Universidade Católica de Brasília, DF, Brasil. flormd@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-3822-3627>

² Doutora em Comunicação. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. anataismartins@icloud.com | <https://orcid.org/0000-0001-5203-7575>

³ Doutor em Estudos da Linguagem. Professor da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil. hertzwendel@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-4639-0553>

as imagens portadoras de imaginários mais ou menos potentes instituem uma relação inflacionária entre a capacidade imaginante da humanidade e sua sede por progresso, avanços, performances, descobertas de um lado; do outro, sua tendência à desordem, à agitação excessiva, à violência desmedida, que traz a falta, a frustração, a desolação. Entre o máximo e o mínimo, a abundância e a escassez, o imaginário é também uma encruzilhada.

Será o mito, em suas novas formas narrativas digitais e suas imagens sintéticas, em seus multiversos paralelos e ofertas de experiências virtuais, capaz, ainda, de “chegar ao âmago das coisas” (Balandier, 1999)?

Embora muitas vezes desprezado pela ciência, relegado à atividade menor da criação poética ou ao domínio do falso, em oposição à pretensa verdade filosófica, religiosa ou científica, o mito ora se apresenta como objeto teórico levado a sério por cientistas sociais de horizontes múltiplos: Comunicação, Filosofia, Ciências Sociais, Linguística, Literatura, Artes, Psicologia, História, Economia são tantas perspectivas que se põem a observar o fenômeno mítico vigente. Porque, em sua difícil ambivalência, o mito ainda fala alto nas entrelinhas dos discursos, por vezes literalizado, por vezes disfarçado, outras vezes, tematizado, explicitado.

Os estudos do imaginário e do mito têm conhecido uma valorização sem precedentes tanto nacional quanto internacionalmente. Isso é visível na afiliação institucional dos diversos autores deste dossiê, participantes ativos do Grupo de Trabalho de Imagem e Imaginários Midiáticos da Compós, no Brasil, do Centre de Recherches Internationales sur l'Imaginaire (CRI2i), sediado na França, e da Asociación de Mitocrítica (Asteria), estabelecida na Espanha.

O primeiro texto é de Jean-Jacques Wunenburger, presidente do CRI2i e professor emérito da Universidade de Lyon 3, em Lyon (França) que, em "O sentido do mito", mostra como o imaginário e as imagens simbólicas encontram no tecido mítico seu veículo mais potente. O filósofo aprofunda a reflexão sobre as características do mito que o tornam tão peculiar, tão intangível, não sendo nem história verificável nem ficção criada.

No texto "O mito e a era digital", o atual presidente da Asociación de Mitocrítica (Asteria) e professor da Universidad Complutense de Madrid (Espanha), José Manuel Losada, traça um panorama das novas vigências de antigas mitologias nas narrativas contemporâneas do cinema, das séries de televisão, dos videogames, mas também aproxima a ficção científica e a fantasia do fenômeno mítico, mostrando como se distinguem umas das outras e como se complementam.

Observando o fenômeno mítico nas redes sociais, Saran Coulibaly Cissoko, professora da Universidade Politécnica de Man, em Abidjan (Costa do Marfim), trata de identificar o destino do mito nas novas formas de comunicação e socialização por meio das redes digitais. Apoiando-se em Durand e Wunenburger, a autora começa por identificar o mito prometeico entre os magnatas da comunicação digital – donos das principais empresas de comunicação digital do mundo; e o mito da Medusa, vivido pelos usuários fascinados por imagens que os tornam dependentes e podem findar por destruí-los. Cissoko ainda mostra a mitologia implícita nas próprias formas de comunicação digital para concluir que a força mítica é inesgotável e se atualiza por meio de uma "mitografia", ou uma "reescrita dos mitos".

A professora Vanina Canavire, da Universidade Nacional de Jujuy (Argentina), no texto “A comunicação como mito: o metaverso e seus avatares” examina o advento do metaverso e antecipa as possíveis consequências do acesso a esse universo de realidade virtual no qual, proximamente, a população mundial estará em grande parte imersa. Ao apontar para o mito de Babel, ela mostra vantagens do universo virtual, como a possibilidade de neutralizar as barreiras linguísticas e se comunicar, em qualquer parte do mundo, com qualquer internauta conectado. Mas aponta para as vulnerabilidades, sobretudo da ordem do desenvolvimento das consciências sobre os limites entre realidade e ficção que se tornariam cada vez mais borrados.

Na direção deste último argumento, o artigo de Contrera, Balestrini Jr e Nicolosi, “Imersão digital e o desaparecer de si: entregar-se às águas do rio Lete” faz uma crítica veemente ao fenômeno da imersão digital. O estudo dialoga com pesquisas na área da saúde, sobretudo psicológica, e da neurociência, para mostrar os riscos de degradação das funções da memória, da propriocepção e do envolvimento corporal na apreensão das coisas, diretamente ligados à degradação dos processos imaginativos. Com tal ameaça, é a consciência individual e coletiva da humanidade que estaria em risco.

Também Gilson Schwartz, professor livre docente da Universidade de São Paulo, fundador do projeto Cidade do Conhecimento e criador da noção de Iconomia (2006), apresenta uma crítica ao capitalismo lúdico, esse “sistema de organização da máquina de medo da morte e da libido a serviço do capital internacional” que, além de fabricar eternas crianças (*puer aeternus*), não as incentiva na direção do *senex* (o homem velho, arquétipo com o qual o *puer* é tensionado) como deveria ser a função da aprendizagem lúdica. “A ‘seriedade’ do jogo e seu papel na aceitação de um modo de ser social representam ainda hoje, apesar de

sua integração a profundas transformações econômicas, tecnológicas e culturais, aspectos pouco reconhecidos”, afirma Schwartz.

No artigo “pornografia e imaginário: reflexões a partir da narrativa de Eros e Psiquê”, Leonardo Torres e Rafael Rodrigues de Souza, ambos vinculados à UNIP, São Paulo, relacionam o consumo pornográfico, ampliado e facilitado pelos meios digitais, ao mito de Eros e Psiquê que interpretam como uma relação sem vínculo amoroso apenas motivada pela dependência mútua de um consumo desencantado. Segundo os autores, à semelhança de Eros e Psiquê, os consumidores de pornografia também não encontrariam a satisfação real de seus desejos e ideais e, ao invés de buscá-la na capacidade de simbolização a partir das vivências do corpo, a estariam “literalizando” em uma busca desesperada pelo consumo viciante de imagens técnicas e literais.

Na sequência dessas críticas aos modos de consumo da ficção e das imagens contemporâneas, outros artigos trazem análises de ordem estética para se referir à produção cultural atual, produzida e veiculada para e pelos meios digitais. Mercedes Montoro Araque, da Universidade de Granada (Espanha) constrói no artigo “E ‘O abismo ficou’...: leitura eco-poética dos ‘estados-limites’ da paisagem”, uma análise da presença do *Locus Horridis* nesse modo de representação de cenários caóticos e catastróficos próprios à literatura romântica do século XIX, na série *The Walking Dead*. Em sua nova configuração, tal cenário parece evocar a constatação de que o espectador não escapa da “asfixiante atmosfera do estado de nossa sociedade e nosso meio ambiente” nas palavras da autora.

Leandro Bertoletti e Leandro Bessa, da Universidade Católica de Brasília, fazem uma leitura crítica de dois grandes símbolos da cultura brasileira: a estátua do Cristo redentor, no Rio de Janeiro, cuja imagem simbólica é amplamente explorada pela mídia e pela indústria nacional e o personagem Macunaíma, aclamado na obra do escritor Mário de Andrade. No artigo “Macunaíma e Cristo redentor: construções narrativas do mito no imaginário brasileiro”, os autores exploram os desdobramentos na cultura contemporânea das duas imagens, expoentes culturais antitéticos de um mesmo imaginário comum e complementar do herói.

Somos conduzidos ao México, com o artigo de Vanessa de Moraes, “Rosário de metáforas: *una vieja historia de la mierda* na sua vigência contemporânea”. A autora se fundamenta no pensamento do mitólogo mexicano Alfredo López Austin que publicou em livro, junto com o artista Francisco Toledo, um estudo sobre as várias histórias da merda da cultura oral mesoamericana. A partir desse estudo, Vanessa de Moraes defende, em diálogo teórico com Hans Belting, que os registros digitais podem garantir a permanência e a vigência de imagens que tenderiam ao esquecimento.

Fundamentando seu estudo na proposta de Silva (2020), de cinco aproximações ao imaginário, Elton Luiz Gonçalves e Heloísa Moraes, da Unisul/SC, apresentam no artigo “Carvoeiros, sim senhor! A poiesis que mobiliza o imaginário criciumense”, um estudo do imaginário da cidade de Criciúma, Santa Catarina, através do filme promocional do Criciúma Esporte Clube, Carvoeira (2021). Os autores enfatizam que o filme “põe em evidência as recorrências simbólicas do mineiro herói mitológico, forte, desbravador e destemido, bem como da mina aterrorizadora, na qual este mineiro herói vai buscar o ouro negro”.

No texto “Mitocrítica fílmica: a interpretação do filme em seu horizonte mítico”, Danilo Fantinel, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, faz uma proposta metodológica para os estudos fílmicos, apoiada em uma elaboração teórica da mitocrítica que bebe em fontes como Bachelard, Durand e Eliade. Não se trata de relacionar filmes e representações mitológicas, e sim, de identificar os elementos míticos da trama imaginária que subjaz à realização de um filme. Em um processo de observação e fruição “o pesquisador deverá se deixar tocar pelo mesmo imaginário que toca tanto os realizadores do cinema quanto os filmes que eles realizam”, adverte Fantinel. E apresenta o eixo cósmico e o mitema da origem no filme *2001: Uma Odisseia no espaço* (1968).

Especialmente dedicado à tecnologia de Realidade Aumentada (RA), o artigo de Cássia Cassitas e Denize Araujo, da Universidade de Tuiuti no Paraná, também trata de cinema, por meio da análise de 3 filmes em que os personagens vivenciam realidades somente possibilitadas pela tecnologia de RA: *Avatar* (Cameron, EUA, 2009), *O congresso futurista* (Folman, França, 2013) e *O jogador número 1* (Spielberg, EUA, 2018). Nesse artigo, a tecnologia cinematográfica permite transgredir a ordem vigente, construir ideais mitificados de humanidade e explorar uma dialética “alicerçada na alteridade e na inclusão”.

A jornada da heroína e os estudos de gênero são o tema da pesquisa de mestrado de Tamara Cristina de Araújo sob orientação da professora Mônica Martinez, na Universidade de Sorocaba, SP. No artigo “Métodos em estruturas narrativas míticas: a jornada da heroína de Maureen Murdock”, as autoras reportam um levantamento bibliográfico que aponta para o reconhecimento da metodologia para se investigar o percurso de realização feminina, eventualmente apresentado não apenas em narrativas ficcionais mas também em histórias de

vida. O resultado da pesquisa revela um crescente interesse pelo tema desde 2017, em diversas áreas do conhecimento.

O dossiê se encerra com o estudo de dois mitos contemporâneos potencializados pelo fenômeno da comunicação digital nas redes sociais: o mito do vigilante e o mito do complô. No artigo “Mito do vigilante: performatização política no Instagram durante a pandemia”, de Márcia Tondato, Lucas Fraga e Pietro Coelho da ESPM/SP, os pesquisadores analisam a maneira como o deputado Alexandre Frota (PSDB/SP) utilizou seu perfil do Instagram, durante a pandemia de Covid-19, para construir sua figuração mítica do vigilante: “um arquétipo bruto e militarizado, quase sempre violento, disposto a assumir responsabilidades e fazer justiça com suas próprias mãos” que atua nas brechas do poder. Quanto ao mito do complô, ele é objeto de análise do artigo “Mito do complô: embates de sentido na circulação de boatos sobre fraude eleitoral”, de autoria de Ana Paula da Rosa e Érica Cristina Bianco, da Unisinos. No cruzamento entre estudos de midiatização, política e imaginário, as pesquisadoras observam a “metáfora obsessiva” do complô nas micronarrativas da rede social Twitter, relativas à temática da fraude eleitoral. Um fenômeno que ganha novas formas no contexto da pré-eleição de 2022 no Brasil.

Segue-se a seção Visualidades, com três ensaios visuais motivados pela temática do dossiê. O primeiro, “Crioulização e cinema: reatualizando imaginários”, de Maria Eduarda Affonso e Cristina Álvares, da Universidade do Minho (Portugal), propõe um experimento visual a partir de frames do filme *Limite* (1931) de Mário Peixoto, a fim de materializar na imagem o conceito de “crioulização” que encontram em Glissant (1997). Em “Fundamentos míticos e a fotografia digital”, o fotógrafo mexicano Jorge Salgado Ponce, doutor em Artes Visuais pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), apresenta fotografias da Cidade de México

em um trabalho que se propõe a integrar o sentido do mito à criação fotográfica. O terceiro ensaio “Meu pé gira, meu peito batuca” assinado por Eduardo Camargo e Hertz Wendel, da Universidade Federal do Paraná, propõe um olhar poético para manifestações rituais da cultura afro-brasileira, em registros fotográficos de um terreiro de Umbanda na cidade de Curitiba.

Ainda compõem a edição 24, dois textos da seção de Artigos Livres. No texto “A autoridade da crítica de cinema online e o caso do canal *Entre Planos*”, Wanderley Teixeira Neto, da Universidade Federal da Bahia, escreve sobre a crítica de cinema e examina o canal *Entre Planos* e o uso das ferramentas digitais para incrementar a audiência, feito com base em um leque amplo de vídeos postados, de modo a fornecer uma descrição do perfil do youtuber, não só no que se refere às suas preferências como também às estratégias que utiliza para atrair audiência e monetizar o canal. Por fim, no artigo “Educomunicação e emergência climática: Quilombo Mata Cavalos ecoa tradição e resistência”, de Thiago Cury e Michèle Sato da Universidade Federal de Goiás, os autores propõem a cartografia do imaginário como metodologia educacional na comunidade quilombola de Mata Cavalos (GO).

Na expectativa de que esse dossiê possa contribuir para atualizar, por meio do estudo das formas de expressão do mito na comunicação digital, as reflexões sobre o imaginário na contemporaneidade, desejamos a todos uma boa leitura.

REFERÊNCIAS

- Balandier, G. (1999). *O dédalo*. Para finalizar o século XX. São Paulo: Bertrand Brasil.
- Schwartz, G. (2006). Princípios de Economia. *E-Compós*, 7 <https://doi.org/10.30962/ec.110>